Cidade dorminhoca

Se antes Brasília já era um lugar que **baixava as portas** cedo, agora, com restrições legais, a capital **deixa na vontade** os que gostam da noite ou os que dela precisam **para trabalhar**

Fotos: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

O estudante Nelson Lombardi alegra-se em encontrar a lanchonete aberta

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

O empresário Bernardo de Freitas, da Nação Hotdog, tentou fechar à 1h, mas desistiu pela falta de estrutura da cidade

FLÁVIA MAIA

A noite brasiliense é uma moça recatada. Tem hora certa para dormir. Os bares fecham cedo: à 1h, de segunda a quinta-feira, e às 2h no fim de semana. Os ônibus se reduzem a raros corujões, o metrô fecha às 23h30 de segunda a sábado e às 19h no domingo. Poucas farmácias, lanchonetes e supermercados ficam abertos durante a madrugada. Como se não bastasse, a lei seca e a lei do silêncio completam a lista de restrições.

São 22h45 de uma terça-feira. Um Gol prata entra na comercial da 108 Sul e estaciona na porta de uma lanchonete especializada em cachorro-quente. As funcionárias já sabem quem está chegando. Trata-se de Nelson Lombardi, de 22 anos, que entra ofegante: "Deu tempo? Oba!", comemorou. "Não acredito que consegui pegar aqui aberto."

Nelson contou que correu para pegar a lanchonete aberta porque senão começaria uma peregrinação pelas quadras da cidade atrás de restaurantes e comida de boa qualidade. "Em Brasília, é muito difícil achar bar, lanchonete, restaurante que funcione até mais tarde. No fim de semana, é pior."

O carioca Bernardo de Freitas, 25 anos, é o dono do dogão de que Nelson tanto gosta. Abria das 16h à 1h. Não compensou e ele adotou o horário das 16h às 23h. Segundo o empresário, a capital não dá estrutura para quem trabalha até mais tarde: não há linhas de ônibus para os funcionários voltarem para casa, o metrô fecha e não existe policiamento. "Brasília vira uma cidade fantasma mais pela falta de estrutura da que pelo comércio", analisa.

Brasília tem vida noturna? A polêmica anima as discussões, como na mesa com dois paraenses, uma cearense e dois brasilienses. Michelle Nunes, 27 anos, veio de Belém para Brasília há 10 anos. Do Pará trouxe o hábito de sair tarde de casa: "Agora, é comum sair do trabalho e ir direto para algum lugar sem passar em casa". A saidinha de fim de semana também mudou. Quarta e quinta-feira são os dias mais animados para sair em Brasília.

O metrô fecha às 23h30 de segunda a sábado e às 19h no domingo

Natural de Brasília, o noivo de Michelle, Carlos Augusto Jorge Marques, 34 anos, defende o horário de fechamento imposto aos bares. "Há uns 10 anos, o pessoal sabia onde encontrar barzinhos que fechavam mais tarde. Mas os prédios do Plano são antigos, não têm acústica boa, deve ser muito ruim morar perto da barulheira. Concordo com o horário de fechamento", justifica o brasiliense. "Para deixar a cidade mais animada, a saída, de repente, é explorar locais sem moradia, como a orla do Lago Paranoá, por exemplo", sugere.

Por causa das restrições, a sensação de Vinícius Neves, 24 anos, natural de Tucuruí (PA), é que Brasília acostumou-se a ser uma cidade para trabalhar. Vinícius acredita que a capital do país ainda não tem uma identidade cultural, o que a deixa mais desanimada. "Brasília não tem um ritmo próprio, uma festa tradicional, um cantor popular. Isso ajuda a manter a vida noturna agitada", comenta.